

CRIAÇÃO DE LAÇOS PARA CATIVAR EM TEMPOS DE ACELERAÇÃO: APROXIMAÇÕES ENTRE A OBRA O PEQUENO PRÍNCIPE E A TEORIA DE BOWLBY

Kainã Günther Soares¹

RESUMO

Vivemos em um tempo em que o próprio tempo parece escapar, dissolvendo-se na aceleração das rotinas e na sobrecarga de tarefas. Esse processo, como aponta Byung-Chul Han, resulta em um “excesso de positividade”, que exige sujeitos capazes de múltiplas tarefas, enquanto reduz o espaço para o bem viver, substituído pela lógica da sobrevivência. É nesse cenário que este estudo busca refletir sobre a permanência e o sentido das relações interpessoais, tomando como referência a obra *O Pequeno Príncipe*, de Antoine de Saint-Exupéry. A fábula, ao retratar o universo do príncipe e as relações que constrói, em particular, com a rosa e a raposa, oferece imagens para pensar o lugar do afeto, da presença e do tempo no estabelecimento de vínculos humanos. Metodologicamente, a investigação assume caráter qualitativo e interpretativo, centrando-se na análise dos diálogos que explicitam a criação de laços. O aporte teórico advém da teoria de John Bowlby sobre os vínculos interpessoais que contribui para entender como as formas como as pessoas aprendem a se relacionar influenciam em relacionamentos futuros. A análise evidencia que a relação entre o príncipe, a raposa e a rosa revelam a necessidade de investir tempo, de “cativar”, como condição para o surgimento de vínculos significativos. Entretanto, essa dimensão temporal aparece fragilizada nos contextos contemporâneos, nos quais a aceleração tende a reduzir a importância das práticas de cuidado e convivência. Conclui-se, de modo inicial, que as lições da fábula permitem tensionar os limites da vida acelerada e sugerem a necessidade de resgatar a centralidade do tempo, da atenção e do cuidado como fundamentos das relações humanas.

Palavras-chave: relações interpessoais, tempo social, vínculo, *O Pequeno Príncipe*; psicologia.

ABSTRACT

We live in a time in which time itself seems to slip away, dissolving into the acceleration of daily routines and the overload of tasks. This process, as pointed out by Byung-Chul Han, results in an “excess of positivity,” demanding subjects capable of multiple tasks while reducing the space for well-being, which is replaced by the logic of survival. In this context, this study seeks to reflect on the permanence and meaning of interpersonal relationships, taking as a reference *The Little Prince*, by Antoine de Saint-Exupéry. The fable, by portraying the prince’s universe and the relationships he builds, particularly with the rose and the fox, offers symbolic images to think about the place of affection, presence, and time in the establishment of human bonds. Methodologically, the research adopts a qualitative and interpretative approach, focusing on the analysis of dialogues that reveal the process of creating

¹ Discente do curso de Psicologia da Universidade La Salle - Unilasalle, matriculado na disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), sob a orientação do Prof. Dr. Gilberto Ferreira da Silva. Data de entrega: 03 de dezembro de 2025.

emotional ties. The theoretical framework is based on John Bowlby's theory of interpersonal bonds, which helps to understand how the ways people learn to relate influence future relationships. The analysis shows that the relationship between the prince, the fox and the rose, for instance, highlights the need to invest time, to "tame", as a condition for the emergence of meaningful connections. However, this temporal dimension appears weakened in contemporary contexts, in which acceleration tends to diminish the importance of care and coexistence practices. It is concluded, in a preliminary way, that the lessons of the fable allow us to question the limits of an accelerated life and suggest the need to restore the centrality of time, attention, and care as foundations of human relationships.

Keywords: interpersonal relationships; social time; bond; The Little Prince; psychology.

1 INTRODUÇÃO

As palavras que seguem têm como objetivo construir uma reflexão crítica sobre os caminhos que a sociedade atual tem tomado acerca das relações interpessoais, ou seja, sobre os relacionamentos. Estamos cada vez mais atarefados e, como sabemos, tudo o que nos propomos a fazer exige tempo, podemos perdê-lo ou investi-lo. Saber se estamos perdendo ou investindo tempo dependerá muito do que entendemos ser importante.

Hoje, de forma geral, estamos tomando a produtividade como sendo o mais importante, sendo assim, os relacionamentos, que também exigem tempo, poderiam ser considerados perda de tempo. No entanto, é importante lembrar que assim como nós precisamos de alguém para nascer, para cuidar de nós enquanto nos desenvolvemos, precisamos também viver com outras pessoas quando nos tornamos adultos.

Vamos tomar neste trabalho alguns trechos do livro "O Pequeno Príncipe", os quais nos apresentam diálogos dele com outras duas personagens, que são elas a rosa e a raposa, como base para construirmos nossas reflexões. Iremos também estabelecer relações dos pontos levantados nesses diálogos com assuntos da psicologia, como a teoria dos laços afetivos de John Bowlby.

Para, então, começarmos as reflexões acerca das relações, conforme mencionada anteriormente, iremos, primeiramente, estabelecer uma breve contextualização da sociedade atual, através de reflexões feitas pelo filósofo Byung Chul-Han, tratando sobre essa urgência e necessidade de sermos produtivos. Depois vamos construir algumas noções sobre o que Bowlby fala sobre laços afetivos e como eles se estabelecem durante a vida, para assim termos condições de começar a destrinchar os trechos dos diálogos do pequeno com suas duas amigas.

2 CONTEXTUALIZAÇÃO

Vivemos hoje mergulhados em rotinas aceleradas, com uma lista enorme de afazeres que nos leva com muita frequência a pensarmos que temos pouco tempo para o tanto de coisas que temos que fazer. Geralmente esse "ter que fazer" está associado a atividades laborais e aspectos mais existenciais e contemplativos da existência acabam sendo deixados de lado.

Byung-Chul Han em seu livro “Sociedade do cansaço” constrói a ideia de que vivemos numa sociedade que anseia por ser produtiva e fazer várias tarefas. De acordo com o autor, foi difundido o pensamento de que todos podem fazer absolutamente tudo, diferente da sociedade anterior onde havia muitas proibições, e talvez fosse um pouco negativa por causa disso. No entanto, a positividade extrema, da sociedade atual, pode gerar desconfortos para as pessoas. Inclusive ele chega a dizer que quando a pessoa percebe que não é possível fazer absolutamente tudo, a noção de incapacidade se choca com a necessidade de ser produtivo e isso acaba gerando depressão, pois a pessoa hoje se tornou o próprio chefe, ninguém mais precisa mandar, pois quanto mais fizer mais produtivo vai ser. “O que causa a depressão do esgotamento não é o imperativo de obedecer apenas a si mesmo, mas a pressão de desempenho” (Han, 2015, p. 27).

Outro aspecto importante referente à questão da excessiva produtividade é a exigência de que as pessoas usem o tempo todo a atenção alternada conforme o autor nos apresenta no seguinte trecho:

O excesso de positividade se manifesta também como excesso de estímulos, informações e impulsos. Modifica radicalmente a estrutura e economia da atenção. [...] A multitarefa está plenamente disseminada entre os animais em estado selvagem. Trata-se de uma técnica de atenção indispensável para viver na vida selvagem (Han, 2015, p. 31-32).

O autor chega a afirmar, quando trata sobre a exigência de se usar majoritariamente a atenção alternada, que isso é como um retrocesso e não como um avanço da sociedade, pois, como foi dito no trecho acima, é a atenção que os animais selvagens usam para sobreviver: “A preocupação pelo bem viver, à qual faz parte também uma convivência bem-sucedida, cede lugar cada vez mais à preocupação por sobreviver” (Han, 2015, p. 33).

Todas as construções do conhecimento e culturais da humanidade foram construídas graças à contemplação das coisas. Por tanto uma vida contemplativa é algo importante, pois conseguimos nos deter e perceber coisas que a pressa nos rouba.

Han fala que não conseguimos mais lidar com o tédio, e pessoas podem se entediar ao andar e caso não consigam lidar com o tédio acabam por andar mais rápido. E talvez, hoje, o andar não nos entedia tanto graças aos fones de ouvido. Essa questão do tédio é algo tão sério que ele chega a afirmar que “Se o sono perfaz o ponto alto do descanso físico, o tédio profundo constitui o ponto alto do descanso espiritual” (Han, 2015, p. 33-34).

Outro aspecto importante também que o autor aborda e que demonstra um paradoxo colossal das exigências do mercado hoje que pede inovação e rapidez é que “Pura inquietação não gera nada de novo. Reproduz e acelera o já existente” (Han, 2015, p. 34). Não é à toa que os avanços científicos dependem de observação e “perder” tempo contemplando algo para tentar entender, assim como a filosofia também, coisas muito importantes à humanidade.

Nessa sociedade onde somos nosso próprio chefe, onde a autocobrança por produtividade é extrema e as pessoas estão cada vez mais depressivas, nos deparamos também com a superficialidade das relações interpessoais, e, quando elas acontecem, o tempo dedicado ao outro acaba sendo considerado perda de tempo, ou as relações acabam se dando por interesses financeiros. Han também afirma em seu livro que “[...] pertence a depressão também a carência de vínculos, característica para a crescente fragmentação e atomização do social” (Han, 2015, p.

27). Dessa forma podemos afirmar que os assuntos tratados no livro “O Pequeno Príncipe” sobre relacionamentos podem ser extremamente pertinentes.

As relações estão presentes em todas as idades, e, como somos seres complexos, nossa existência e nossas relações também se dão dessa forma, tal como é dito no seguinte trecho:

Para além de um conto infantil, a obra “O pequeno príncipe” de Antoine De Saint-Exupéry acena para públicos de todas as idades, pois mostrou-se, em nossa pesquisa, como uma fonte potencialmente inesgotável de articulações complexas, dialógicas, hologramáticas e recursivas. Além disso, pode constituir um manual de vida para aqueles que o vislumbram na perspectiva do pensamento complexo (Alves; Muchinski, 2023, p. 17).

Nossa sociedade e nossa existência são de fato complexas. As relações se dão da mesma forma, e Exupéry, que explana de forma tão paradoxal, consegue, ao mesmo tempo, ser simples e profundo sobre questões da infância, das relações e de como carregamos isso conosco durante toda a vida e se torna assim, uma fonte inesgotável de articulações complexas através de todos os diálogos marcantes e extremamente profundos estabelecidos entre as personagens.

Tendo em vista que desde que nascemos estamos expostos a experiências, e o que aprendemos com elas vamos repetindo algumas coisas ao longo da vida, Exupéry nos faz ver que não precisamos ter muita idade para entendermos sobre precisamos “perder” tempo com outras pessoas:

A obra “O Pequeno Príncipe”, além de um conto cheio de magia, mostra que todos os homens precisam de mais tempo para cativarem e fazer amizades, porque ninguém vive sozinho. Ao ler isto, a criança entenderá que mesmo estando sozinho, ela de fato não vive só. Atrelando a sua vida, ela verá que há muito mais do que os olhos vêem. As frases e fragmentos da obra pesquisadas são totalmente atemporais, ou seja, sempre estarão presentes mesmo que o tempo se passe (Silva; Fonseca, 2024, p. 22).

Ao expor as crianças às reflexões e imagens, criadas através de situações apresentadas em livros como o de Exupéry, elas conseguirão compreender a importância de se relacionar e que não vivemos sozinhos. Estamos vivendo em uma sociedade que cada vez mais substitui as relações pelas tarefas para ter mais tempo para ser mais produtivo, mas se conseguirmos ensinar as crianças a importância que é ter alguém do lado e que isso vale muito e não é perda de tempo, teremos assim uma possibilidade de que no futuro a sociedade mude sua forma de enxergar as relações, pelo menos sem sofrer pelas consequências de não ver como urgente cuidar da relação com o outro.

Rocha, ao fazer uma análise psicológica de “O Pequeno Príncipe” trazendo reflexões baseadas na obra sobre temas como amor e amizade, afirma que “A amizade exige tempo, dedicação e vulnerabilidade, e esses elementos são essenciais para o desenvolvimento de relacionamentos autênticos e duradouros” (Rocha, 2024). Percebemos então que, para que haja relacionamentos, e para que eles se tornem duradouros, é necessário que se invista tempo nessa relação e que ao se conhecer o outro haja respeito também.

3 METODOLOGIA: SOBRE O CAMINHO EXPERIMENTADO

A metodologia adotada para a construção deste trabalho foi o ensaio teórico, que é de caráter qualitativo e consiste em refletir criticamente sobre um tema a partir do diálogo com diferentes autores. Esse modelo de escrita científica permite ao pesquisador questionar-se, articular ideias e construir um pensamento próprio fundamentado em referenciais teóricos, sem a necessidade de apresentar resultados empíricos. Assim, o ensaio propicia a elaboração de reflexões que contribuem para o avanço do conhecimento, da dúvida e da curiosidade acadêmica. Inclusive Endruweit chega a dizer que o ensaio é “um gênero que permite a incerteza e não pune a pergunta” (Endruweit; Fagundes; Rigo, 2024, p. 8), e Corrêa escreveu o seguinte em seu trabalho sobre a obra “O Pequeno Príncipe”: “[...]o analista sente a necessidade de interpretar uma obra literária quando foi realmente tomado e inundado por ela, e que esta prática deve ser estimulada e respeitada” (Corrêa, 2011, p. 69).

Dessa forma, o presente estudo busca, com base em autores da psicologia e da filosofia, como John Bowlby e Byung-Chul Han, estabelecer um campo de reflexão sobre as questões afetivas e existenciais presentes nos diálogos entre o personagem O Pequeno Príncipe e suas duas amigas, a Rosa e a Raposa. Por meio dessa abordagem, pretende-se promover uma análise simbólica e teórica que una literatura e psicologia, destacando o papel dos vínculos afetivos e sua importância tendo em vista vivermos em constante aceleração atualmente e como essa relação tanto entre indivíduos como com uma obra se dá de forma única.

Foi feito um levantamento em duas bases de dados a fim de verificar como se encontra a produção acadêmica na interface com a psicologia, buscando produções sobre a obra de Exupéry utilizando o descritor “O Pequeno Príncipe”. Na base de dados Scielo foram encontrados 16 estudos, cujos temas eram sobre os aspectos literários e linguísticos do livro, nenhum que tivesse relação com o tema do nosso estudo. E na base de dados do CAPES, usando o mesmo descritor, foram encontrados 191 estudos de diversos temas. Alguns falavam sobre a obra “O Pequeno Príncipe Negro”, e outras ainda eram referentes a animação baseada na obra de Exupéry. Em outros trabalhos a única relação com o descritor usado na busca era o nome do local, pois alguns trabalhos foram feitos em uma escola, outros em uma faculdade e outros em um hospital, ambos de nome “O Pequeno Príncipe”. No entanto, não foram encontrados estudos sobre a obra que abordassem a questão de laços e criação de afetos.

4 NOÇÕES TEÓRICAS SOBRE CRIAÇÃO DE LAÇOS

No livro “O Pequeno Príncipe” os personagens tratam em seus diálogos sobre o assunto de criar laços, portanto, antes de iniciarmos as análises dos trechos do livro se faz necessário entendermos o que poderiam ser laços afetivos para a psicologia. Recorremos às contribuições de John Bowlby (2006), que em seu livro “Formação e Rompimento de laços afetivos” nos apresenta uma teoria justamente sobre este tema, onde o autor trabalha sobre a ligação de um indivíduo com outros.

Bowlby começa designando como sendo uma teoria da ligação onde o ser humano teria propensão a estabelecer fortes vínculos afetivos com outras pessoas e em seguida ele presta alguns esclarecimentos quanto a questão da abordagem a que está vinculada sua teoria:

Embora incorpore muito do pensamento psicanalítico, a teoria da ligação difere da psicanálise tradicional ao adotar um certo número de princípios que derivam das disciplinas relativamente novas da etologia e teoria do

controle; assim fazendo, está habilitada a dispensar conceitos tais como energia psíquica e impulso, e a estabelecer laços com a psicologia cognitiva (Bowlby, 2006, p. 168).

Para Bowlby, existe, evidentemente, uma forte aproximação entre a psicanálise e a psicologia cognitiva nesta teoria da ligação. Em seguida diz o seguinte a respeito de sua teoria:

Em suma, o comportamento de ligação é concebido como qualquer forma de comportamento que resulta em que uma pessoa alcance ou mantenha a proximidade com algum outro indivíduo diferenciado e preferido [...]. Embora seja especialmente evidente durante os primeiros anos da infância, sustenta-se que o comportamento de ligação caracteriza os seres humanos do berço à sepultura (Bowlby, 2006, p. 171).

O ser humano passa a vida toda estabelecendo ligações com outros, e isso começa já nos primeiros anos na relação dos filhos com os pais, e essa ligação ou esse vínculo torna esse outro, com quem se relaciona, alguém diferenciado ou preferido por aquela pessoa. Bowlby (2006, p. 178) diz ainda: “O ponto fundamental da minha tese é que existe uma forte relação causal entre as experiências de um indivíduo com seus pais e sua capacidade posterior de estabelecer vínculos afetivos”.

A forma de relacionar aprendida na infância, portanto, influencia nas relações ao longo das demais partes da vida. E os indivíduos envolvidos nessa relação de ligação, ou seja, esses parceiros, buscam estar juntos, de acordo com o autor: “A característica essencial da vinculação afetiva é que os dois parceiros tendem a manter-se próximos um do outro. Quando, por qualquer razão, se separam, cada um deles procurará o outro, mais cedo ou mais tarde, a fim de reatar a proximidade” (Bowlby, 2006, p. 97).

O ser humano precisa de alguém para estar próximo, alguém que possa confiar e contar quando precisar. Quando se encontra alguém assim, essas pessoas procuram estar juntas, mesmo que se separem, procuram passar tempo um com o outro. Mas uma coisa que Bowlby salienta sobre essa relação com o outro e que se faz muito importante é que: “Em quase todas as situações familiares, o medo e a ansiedade sejam grandemente reduzidos pela mera presença de um companheiro de confiança” (Bowlby, 2006, p. 165).

Portanto, poder construir uma confiança com alguém e saber que pode contar com essa pessoa reduz o medo e a ansiedade de separação. Pois, a pessoa sabe que não será abandonada pelo parceiro. No entanto, quando as experiências de interação com o outro são frágeis e não é possível ter confiança no parceiro, o indivíduo se sentirá ansioso e com medo em novas relações. Assim como qualquer coisa, as relações também têm início, meio e podem ter um fim. E Bowlby afirma que “em termos de experiência subjetiva, a formação de um vínculo é descrita como “apaixonar-se”, a manutenção de um vínculo como “amar alguém”, e a perda de um parceiro como “sofrer por alguém”” (Bowlby, 2006, p. 98).

No começo as coisas são sempre intensas como em uma paixão, para que a relação continue é preciso manutenção, como saber lidar com o tédio da relação e saber lidar com situações difíceis, como quando se ama alguém. E o término, quer seja porque o parceiro morreu ou decidiu não continuar com essa ligação, ou esse vínculo, pode levar ao sofrimento.

Mas esse cenário de insegurança, medo e ansiedade não é regra de funcionamento das relações, o que Bowlby deixa muito claro quando fala que essas situações são reduzidas quando a pessoa tem alguém de confiança por perto, ou

seja, alguém com quem ela pode contar (Bowlby, 2006). Pois, ter alguém em quem você confia, que você pode contar, é extremamente importante para reduzir o medo e ansiedade de separação.

Bowlby, de forma geral, classifica os diferentes tipos de vínculos, ou apego, que a pessoa estabelece com o outro. O apego seguro, onde a pessoa tem segurança na relação com o outro e em casos de separação, independente do motivo, consegue compreender que essa pessoa vai voltar, ou seja, ela se sente segura na relação. Dois dos outros tipos de apego são tidos como inseguros. Um deles é o inseguro- evitativo, que por medo de separação a pessoa evita se relacionar, e o outro é o inseguro-ambivalente, onde o indivíduo não tem certeza se o outro está mesmo disponível para se vincular e, ao mesmo tempo que busca se relacionar e, ao mesmo tempo resiste. E o último é o apego desorganizado onde a pessoa, por não saber o que esperar do outro tem várias reações aleatórias, ou seja, se desorganiza.

5 SOBRE A OBRA “O PEQUENO PRÍNCIPE”

Este trabalho se debruçou sobre o texto da obra “O Pequeno Príncipe” (Título original: “Le Petit Prince”) escrito pelo francês Antoine de Saint-Exupéry que foi um escritor, ilustrador e piloto francês nascido em 29 de junho de 1900 na França.

Exupéry escreve seu livro em 1943 durante a segunda guerra em um momento de muito sofrimento durante seu exílio nos Estados Unidos (Oliveira 2025), como é denunciado na própria dedicatória que ele faz quando diz “essa pessoa grande (Seu amigo Léon a quem dedica sua obra) mora na França e ela tem fome e frio. Ela precisa de consolo.” (Exupéry, 2009, p. 5). Ele escreve isso ao se desculpar com as crianças por dedicar um livro “de criança” a um adulto e por isso dedica “A Léon Werth, quando ele era criança”. (Exupéry, 2009, p. 5). Um ano depois, em 1944, ele morre em um acidente de avião. (Oliveira 2025)

É incrível a capacidade que o autor tem de forma tão natural passear sobre temas tão profundos e que em um momento de guerra acabam se tornando tão insignificantes como amor, esperança, cativar, criar laços, dentre outros temas que sob uma análise rápida, parecem rasos, mas que nem mesmo todos os livros do mundo seriam capazes de exaurir a discussão.

Sim, o autor apresenta o livro, na sua dedicatória, a criança que ele foi um dia, ou seja, é um livro para crianças. Talvez para suscitar esperança em meio a um contexto de guerra e urgência, assim como, os nossos hoje, mas o fato é que conseguimos, através das raízes da infância de um pequeno, adentrar um universo infinito de possibilidades e reflexões que muitas vezes são coisas esquecidas quando se cresce, como denuncia a raposa em um diálogo com o pequeno, e sendo assim, um livro para pequenos apavorados pelo terror da urgência e da guerra nos fala sobre a importância das relações.

6 RESUMO DA HISTÓRIA

A história acompanha um menino que gostava de desenhar e foi desestimulado por todos os adultos a fazer o que gostava, o que o levou a buscar fazer coisas de adulto. Ele o fez e se tornou piloto de avião até que um dia em meio a uma pane o avião caiu no meio do Saara. Lá um menino pequeno e frágil, mas que parecia um príncipe, lhe pede para desenhar um carneiro e ele fica sem entender nada. Ele ao longo dos dias que levou para arrumar seu avião, ouve a

história do garoto sobre como ele chegou até ali e vai conhecendo-o aos poucos. Conta sobre todos os planetas que conheceu até chegar à Terra. Até que o menino, com a intenção de voltar para casa, o asteroide B-612, pede para cobra que conheceu em sua viagem logo que chegou a Terra, lhe morder para que ele possa voltar às estrelas. O piloto consegue consertar o avião e voltar a sua vida cotidiana, no entanto nunca mais se esqueceu daquele Pequeno Príncipe pois havia cativado ele e por isso aquele menino, semelhante a tantos outros, se tornou único no mundo para aquele aviador.

Antes de começar a viagem, em seu planeta, o príncipe acompanha o desabrochar de uma flor, uma rosa, com a qual demonstra cuidados, conversa e tenta agradar. Ela, porém, sempre demonstra muito um ar de superioridade e arrogância, mas se entristece e chora, expondo sua fragilidade quando o pequeno príncipe parte em sua viagem por outros planetas.

Quando ele chega na Terra, um dos seres que ele encontra é a Raposa, que lhe ensina algumas coisas muito importantes e que, segundo ela, as pessoas esqueceram. Dentre essas coisas está o cativar alguém. Que ela explica ser criar laços com o outro. E isso só acontece quando passamos tempo com esse outro a quem queremos cativar. Dessa forma ele, mesmo sabendo que há milhares de outras rosas e outras raposas exatamente iguais às que ele passou tempo, o tempo que ele passou com essas em específico fez com que elas se tornassem únicas no mundo para ele, assim como ele acaba se tornando depois também ao aviador.

Iremos adiante analisar algumas passagens do livro “O Pequeno Príncipe” sobre a interação dele com a Rosa e com a Raposa e faremos algumas conexões com o que Bowlby fala sobre os vínculos também.

7 CATIVAR É CRIAR LAÇOS

O mundo no qual estamos inseridos é permeado por uma sociedade que aposta na produtividade e se esquece das relações de afeto. Iremos, portanto, a partir de agora, analisar alguns trechos do livro “O Pequeno Príncipe” os quais apresentam ao leitor alguns diálogos dele com duas amigas suas, a Rosa e a Raposa. Iremos primeiramente analisar sua interação com a Rosa (item 7.1) e depois com a raposa (item 7.2) construindo reflexões sobre os conteúdos dos diálogos e estabelecendo relações com a psicologia, a fim de entendermos o ponto de vista de Exupéry sobre a importância de criar laços afetivos na vida de alguém quer seja um aviador solitário, um menino viajante, uma rosa ou uma raposa, personagem que nos ensina que criar laços com alguém é cativar. (Exupéry, 2009, p. 68).

7.1- A Rosa e O Pequeno Príncipe

Tendo já estabelecido um entendimento sobre alguns conceitos básicos sobre como se dá a relação entre indivíduos com base na teoria de Bowlby sobre laços, iremos fazer uma análise de trechos de “O Pequeno Príncipe”.

Nele, uma rosa nasce no pequeno planeta do Pequeno Príncipe e ele fica encantado com ela, pois era bonita e perfumava todo o pequeno planeta, no entanto era muito orgulhosa e vaidosa. No trecho do livro abaixo, ele, ao contar sobre a rosa ao aviador, faz confissões sobre o seu relacionamento com a encantadora rosa: “Não se deve nunca escutar as flores. Basta admirá-las, sentir seu aroma. A minha perfumava todo o planeta, mas eu não sabia desfrutá-la” (Exupéry, 2009, p. 44).

Como já vimos antes nas explicações básicas sobre a teoria do apego de Bowlby, os primeiros vínculos afetivos da pessoa são muito importantes para que o seu emocional se desenvolva de forma saudável.

O Pequeno Príncipe por sua vez, de acordo com sua própria narrativa, sempre foi sozinho, e ao desenvolver seu primeiro vínculo afetivo, no caso com a Rosa, ele se mostra inseguro e com medo de perder o afeto dela, e por isso tem dificuldade de expressar seus sentimentos.

De acordo com a teoria de Bowlby, poderíamos dizer, que com a rosa, o Príncipezinho estabelece um tipo de apego ansioso ou evitativo, pois ele admira a flor, gosta do seu aroma, mas não sabe desfrutá-la, ou seja, se mantém distante, ou evitando uma vinculação mais profunda. Na parte que ele diz não saber desfrutar da flor, é onde podemos encontrar a dificuldade no relacionamento dos dois.

O mais interessante é que este trecho é uma fala do pequeno ao aviador, quando conta sobre sua relação com a sua rosa, ou seja, ele só percebe que não soube desfrutar da relação com a sua rosa depois que partiu de seu planeta e a deixou.

Não soube compreender coisa alguma! Deveria tê-la julgado por seus atos, não pelas palavras. Ela exalava perfume e me alegrava [...]. Não podia jamais tê-la abandonado. Devia ter percebido sua ternura por trás daquelas tolas mentiras. As flores são tão contraditórias! Mas eu era jovem demais para saber amá-la (Exupéry, 2009, p. 45).

Agora o príncipe parece ainda mais consciente de como era sua relação com sua rosa. Ele sutilmente confessa uma certa imaturidade ao dizer que “Não soube compreender coisa alguma” e que “era jovem demais para saber amá-la”. Essa imaturidade pode ter se dado tanto pela inexperiência em relações com outros, quanto pela insegurança demonstrada, pois ele não parecia conseguir compreender muito bem a forma de agir da pequena flor.

É possível enxergar uma espécie de autorreflexão dele sobre sua relação com a rosa. Pois parece ter se arrependido de a ter deixado quando diz que “Não podia jamais tê-la abandonado” e demonstra certo amadurecimento. Isso pode ser entendido como uma reorganização dos modelos internos de funcionamento, isto é, das representações cognitivas que orientam a forma como o indivíduo percebe e se relaciona com os outros de forma afetiva.

Ele reconhece que devia ter julgado a rosa pelos seus atos e não pelas palavras, dessa forma se mostrando empático e fazendo um movimento de “migração” do modo de apego inseguro-evitativo para o seguro, o que mostra também um amadurecimento emocional do pequeno. Bowlby afirma que compreender e reparar vínculos afetivos é muito importante para o indivíduo desenvolver a capacidade de amar de forma saudável e recíproca. E é o que o Príncipe parece estar aprendendo a fazer, aprendendo a amar, pois ele confessa que “era jovem demais para saber amá-la.”

Um ponto muito interessante é que o pequeno só afirma não saber amar a rosa muito tempo depois de ter saído em sua viagem. E isso depois de muita reflexão, principalmente com os conceitos que a raposa lhe ensinou. Antes de começar a analisar os trechos dele com a raposa, será analisado o trecho onde a rosa se despede do pequeno:

É claro que eu te amo - disse-lhe a flor - Foi minha culpa não perceberes isso. Mas não tem importância. Foste tão tolo quanto eu. Tenta ser feliz [...]. Larga essa redoma não preciso mais dela. [...] É preciso que eu suporte duas ou três larvas se quiser conhecer as borboletas. Dizem que são tão belas. (Exupéry, 2009, p. 34).

Aqui fica muito explícito que a rosa ama o príncipe, afinal ela o confessa. Mas ela também assume a culpa por ele não ter percebido que ela o amava. Ela exigia dele muitos cuidados, dos quais o que está presente no texto é uma redoma de vidro com a qual ele a cobria para a proteger. E agora, quando a rosa se depara com a perda de seu amor, algo que lhe era muito importante, embora não demonstrasse, ela se vê obrigada a buscar outras belezas como as borboletas. E se diz disposta a encarar os perigos para conseguir isso, afinal antes da borboleta vem a lagarta e ela se alimenta de folhas, coisa que a rosa tinha.

O pequeno príncipe aprende que amar alguém não significa apenas desfrutar da beleza ou das qualidades da pessoa, mas também aceitar suas fragilidades e necessidades. Essa ideia pode ser associada ao conceito de *amor amadurecido* de Erich Fromm, que destaca que o amor genuíno envolve o cuidado, a responsabilidade, o respeito e o conhecimento mútuo (Rocha, 2024).

O amor dele pela rosa amadurece com o tempo, nessa jornada que ele faz de conhecer outros planetas e a si mesmo. E é assim que ele se torna amadurecido, quando se interessa em cuidar, respeitar e ficar junto, gastar tempo com o outro, mesmo sabendo que há fragilidades e necessidades no outro com quem se relaciona.

7.2 A Raposa e O Pequeno Príncipe

Agora iremos nos deter no diálogo do Príncipe com a Raposa. É evidente que existem diversas pessoas no mundo, e todas elas parecem iguais, mas então por que algumas são importantes e outras não? O que as tornam importantes?

Antes de sua viagem, o Pequeno Príncipe conhece a rosa, e acaba descobrindo que ela é exatamente igual a tantas outras rosas que possam existir num jardim. Isso o deixa incomodado e o faz chorar.

Aqui na terra ele conhece uma raposa e o mesmo acontece. Aquela raposa é exatamente igual a tantas outras, assim como a rosa. Mas ele chorava pela falta daquela rosa e daquela raposa.

A raposa, de forma muito exata, consegue, de forma muito consciente, explicar sobre o motivo de lágrimas correrem pelo rosto do pequeno ao se lembrar dela e da sua rosa nos seguintes trechos. O primeiro trecho é de quando a raposa conhece o Pequeno Príncipe, na tentativa de explicar o que é cativar e no segundo ela fala a ele ao se despedir, quando ele foi continuar sua viagem.

No primeiro trecho, a raposa, ao tentar explicar o que é cativar, diz o seguinte: “É algo quase sempre esquecido [...] Significa ‘criar laços’.” (Exupéry, 2009, p. 68). Para ela, cativar era algo que quase sempre era esquecido, e que ela define como criar laços. De acordo com aquele pequeno animal, seria isso, criar laços, o motivo de alguém se tornar tão importante mesmo sendo tão igual a tantos outros.

Mas agora que entendemos que cativar é criar laços, resta a pergunta: o que é criar laços para a raposa? Já entendemos um pouco o que é para Bowlby, mas e

para ela? Quando conhece o príncipezinho, a raposa elucida isso de forma muito claro quando afirma:

- Foi o tempo que perdeste com tua rosa que a fez tão importante [...] - Os homens esqueceram essa verdade- disse ainda a raposa- Mas tu não a deves esquecer. Tu te tornas eternamente responsável por aquilo que cativas (Exupéry, 2009, p. 70).

Portanto, para a raposa, cativar é criar laços com alguém e a gente cria laços com alguém quando perdemos tempo com quem queremos cativar. Dessa forma podemos dizer que criar laços é uma questão de tempo, isto é, do tempo que passamos com alguém e é isso que faz alguém ser único dentre tantos iguais. A ideia de que cativar alguém torna essa pessoa única no mundo a que cativou é percebida de forma muito clara no seguinte trecho:

Disse a raposa. - Tu não és ainda para mim senão um garoto inteiramente igual a cem mil outros garotos. E eu não tenho necessidade de ti. E tu também não tens necessidade de ti. E tu também não tens necessidade de mim. Não passo a teus olhos de uma raposa igual a cem mil outras raposas. Mas, se tu me cativas, nós teremos necessidade um do outro. Serás para mim único no mundo. E eu serei para ti única no mundo (Exupéry, 2009, p. 65).

O ato de cativar, cria em ambos envolvidos nesse processo uma necessidade um do outro, de acordo com a raposa e essa necessidade faz um ser único no mundo para o outro, mesmo havendo tantos outros exatamente iguais, assim como acontece com o príncipe e a rosa e o príncipe e a raposa. Mas a raposa, continua afirmando o que está neste trecho:

Minha vida é monótona. Eu caço as galinhas e os homens me caçam. Todas as galinhas se parecem e todos os homens se parecem também. E isso me incomoda um pouco. Mas, se tu me cativas, minha vida será como que cheia de sol. Conhecerei um barulho de passos que será diferente dos outros. Os outros passos me fazem entrar debaixo da terra. Os teus me chamarão para fora da toca, como se fossem música. E depois, olha! Vês, lá longe, os campos de trigo? Eu não como pão. O trigo para mim não vale nada. Os campos de trigo não me lembram coisa alguma. E isso é triste! Mas tu tens cabelos dourados. Então será maravilhoso quando tiveres me cativado. O trigo, que é dourado, fará com que eu me lembre de ti. E eu amarei o barulho do vento no trigo [...] (Exupéry, 2009, p. 66).

É interessante que o evento descrito pela raposa aqui parece se enquadrar nas classificações que Bowlby faz a respeito da criação, manutenção e perda de um vínculo, pois ele os classifica ou os descreve da seguinte forma, comparando o início de um vínculo com o apaixonar-se, a manutenção com o amar alguém e a perda de um parceiro de vínculo afetivo com o sofrer por alguém. (Bowlby 2006)

Portanto, a reação de alegria tanto da raposa quanto do príncipe ao se cativarem é a criação de um vínculo que pode ser descrito como apaixonar-se. Não podemos afirmar ser um vínculo romântico, mas podemos que existe afeto e alegria na presença um do outro. E isso se dá devido ao tempo que eles passam juntos. O tempo passado na companhia um do outro aprofunda o vínculo entre eles e assim um laço afetivo é construído, ou seja, eles se cativam e assim se tornam únicos no mundo um para o outro. Apaixonam-se, e se houver manutenção dessa relação

pode evoluir a um amor ou se não houver ao fim da relação e isso causará sofrimento.

Essa manutenção dependerá se haverá a busca por passarem tempo juntos um com o outro porque como Bowlby afirma, a tendência que os parceiros de uma relação têm de manter-se próximos é uma característica essencial da vinculação, pois sempre se busca um pelo outro, sempre se quer estar próximo do outro com quem se estabeleceu o vínculo afetivo, com quem, nas palavras de Exupéry, se cativou. E se busca a proximidade pois se sabe que ao passar tempo juntos, o vínculo, o afeto, a amizade se fortalecem. Portanto, para criar laços afetivos com alguém, ou seja, para cativar alguém, é preciso tempo. Cativar é uma questão de tempo. Criar laços é uma questão de tempo. E isso é o que tem estado em jogo na sociedade atual. Parece que não temos mais tempo para investir no outro. Temos que investi-lo quase que exclusivamente em atividades rentáveis, tanto que vários vínculos afetivos começam porque haverá algum ganho financeiro.

Esse aspecto financeiro também aparece na discussão que a raposa constrói sobre relacionamentos com o pequeno, quando diz que “A gente só conhece bem as coisas que cativou. Os homens não têm tempo de conhecer coisa alguma. Compram tudo já pronto nas lojas. Mas não existem lojas de amigos, os homens não têm amigos. Se tu queres um amigo, cativa-me!” (Exupéry, 2009, p.69). Dessa forma a raposa propõe ao pequeno que é necessário cativar alguém para se relacionar, ou seja, é necessário investir tempo para que haja um relacionamento. Não é possível comprar tudo, como a raposa fala ao príncipezinho, não há lojas de amigos. Existem, sim, pessoas interessadas em nosso dinheiro e se relacionam por interesse, mas a relação termina junto com o dinheiro. Um amor verdadeiro, de qualquer natureza, demanda tempo para se constituir. Portanto, se o tempo deve ser usado somente para alcançar lucros, de acordo com a lógica mercantil, que diz também ser possível comprar tudo, essa lógica faz as pessoas incapazes de terem amizades, ou seja, incapazes de construir relacionamentos. (Alvez; Souza, 2007, p. 3)

Precisamos sim criar laços, cativar e permitir que nos cativem, afinal precisamos nos relacionar com outros, quer seja outro ser humano ou outro ser de alguma outra espécie. O pequeno também estabelece relações tanto com pessoas, como o aviador, com animais, como a raposa e com plantas, como a rosa. Isso nos mostra a importância de termos uma boa relação com as outras pessoas, com os animais e com a natureza.

8 CONCLUSÕES

Portanto, tendo em vista as relações das obras, os estudos expostos e as análises dos trechos da obra “O Pequeno Príncipe” conseguimos fazer alguns entrelaçamentos entre a obra e o que os autores citados propõe e conseguimos entender a importância das relações e que elas têm sido deixadas de lado em nossa sociedade atual. É importante salientar que não se pretendeu exaurir a discussão mas apenas suscitá-la e instigá-la, tendo em vista, como dito na contextualização e na metodologia, os encontros, as relações e os sentimentos suscitados são infinitamente únicos tanto ao se ler uma obra ou se fazer uma análise psicológica. Podemos ver, ao fazer uma breve contextualização deste trabalho, que temos tido urgência em sermos produtivos e isso tem consumido todo nosso tempo e temos buscado que todas nossas atividades sejam produtivas, sem permitir-nos “perdemos tempo” com qualquer outra coisa, mesmo que seja em relacionamentos.

No entanto, se estabelece de forma indissociável a existência humana e as relações. E isso é muito importante para qualquer indivíduo desde sua infância. Por isso livros como “O Pequeno Príncipe” que trazem assuntos como este são tão importante termos contato, mesmo ainda crianças. Dessa forma acaba se formando uma tensão criada entre o que a sociedade nos exige e as nossas necessidades, e isso nos aprisiona, nos tornando reféns da produtividade e do individualismo, pois precisamos nos relacionar, e vimos que isso demanda tempo, enquanto, paradoxalmente, o fato de investirmos tempo em relacionamentos é visto na sociedade atual como perda de tempo.

Através da construção de uma noção básica sobre a teoria dos laços afetivos de Bowlby entendemos que os vínculos afetivos são construídos desde a infância. E podem gerar ao indivíduo tanto segurança quanto ansiedade e essa forma de se relacionar aprendida influenciará nas relações posteriores.

Assim como vimos nos trechos analisados do livro “O Pequeno Príncipe” nas suas relações com a rosa e com a raposa. Onde a rosa foi seu primeiro vínculo, e este lhe gerava insegurança, ansiedade, e ele fugiu na tentativa de evitar a rosa. Mas depois com reflexão e amadurecimento ele percebe que a amava também.

Com a raposa vemos um movimento parecido acontecer, onde o pequeno encontra uma raposa, igual a tantas outras, mas ela se torna única para ele. Isso acontece tanto entre ele e a rosa quanto entre ele e a raposa.

Vimos que elas se tornaram únicas para ele devido ao tempo que o pequeno passou com elas. Esse tempo que passaram juntos fez surgir um laço afetivo entre eles. Assim a rosa e a raposa eram únicas ao príncipezinho e ele para elas também. A esse processo de criar laços a raposa chamou de cativar. E cativar é uma questão de tempo: o tempo que passamos com quem amamos.

REFERÊNCIAS

ALVES, C. A.; MUCHINSKI, S. R. O pequeno príncipe e a complexidade: um tecido de saberes e acontecimentos constituintes do mundo fenomênico: The Little Prince and complexity: a weave of knowledge and constituent events of the phenomenal world. **Revista Cocar**, [S. l.], v. 18, n. 36, 2023. Disponível em: <https://periodicos.uepa.br/index.php/cocar/article/view/6173>. Acesso em: 25 out. 2025.

ALVEZ, G.; SOUZA, L. M. de. Trabalho e Amor: Uma leitura sócio-ontológica de O Pequeno Príncipe, de Antoine Saint-Exupéry. Plural, **Revista do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da USP**, São Paulo, n. 14, p. 103-118, dez. 2007. DOI: 10.11606/issn.2176-8099.pcs0.2007.75464. Disponível em: <https://revistas.usp.br/plural/article/view/75464/79007>. Acesso em: 2 nov. 2025.

BOWLBY, J. **Criação e formação de laços afetivos**. Tradução de A. Cabral. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

CORRÊA, P. V. P. “O Pequeno Príncipe”: uma análise na perspectiva winnicottiana. 2011. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) - Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, SP, 2011. Disponível em: <https://sapientia.pucsp.br/bitstream/handle/28805/1/Patr%C3%ADcia%20Vaz%20Pru-dente%20Corr%C3%AAa%20-%20TCC.pdf>. Acesso em: 2 nov. 2025.

ENDRUWEIT, M. L.; FAGUNDES, J. A.; RIGO, V. F. O ensaio como disposição: o texto acadêmico como um percurso. **Revista Horizontes de Linguística Aplicada**, ano 23, n. 2, DT9, 2024. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/horizontesla/article/view/53928/41616>. Acesso em: 2 nov. 2025.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade do cansaço**. Tradução de Enio Paulo Giachini. Petrópolis: Vozes, 2015.

OLIVEIRA, I. S. de. “O Pequeno Príncipe” como escrita de si: a autobiografia velada de Antoine de Saint-Exupéry. Ana Julia. **Horizontes da Informação & Sociedade**, [S. l.], v. 1, n. 1, 2025. Disponível em: <https://furg.treinamento.emnuvens.com.br/ana/article/view/1335>. Acesso em: 22 out. 2025.

SAINT-EXUPÉRY, Antoine de. **O pequeno príncipe**. Rio de Janeiro: Agir, 2009.

SILVA, G. de S.; FONSECA, M. N. C. da. Antoine de Saint-Exupéry e a caracterização do imaginário em “O pequeno príncipe” e os contos de fadas como incentivadores para a leitura. **Kiri-kerê: Pesquisa em Ensino**, [S. l.], n. 22, dez. 2024. DOI: <https://doi.org/10.47456/krkr.v1i22.44814>. Acesso em: 2 nov. 2025.

ROCHA, L. M. da. Análise Psicológica de “O Pequeno Príncipe”: amor, amizade, crescimento e maturidade. **M. Rocha Psicologia**, 03 ago. 2024. Disponível em: <https://mrochapsico.com.br/blog/analise-psicologica-de-o-pequeno-principe-amor-amizade-crescimento-e-maturidade/>. Acesso em: 2 nov. 2025.

AGRADECIMENTO

Agradeço imensamente a minha esposa Keroly Günther por sempre me apoiar e me incentivar a concluir meus projetos, como este, e por ter tido paciência comigo ao longo de todo o processo da graduação, seu amor, parceria, paciência e carinho me fizeram conseguir chegar até aqui. Ela me faz acreditar e me lembra sempre que necessário que é possível eu me tornar aquilo que eu quero ser. Agradeço também ao meu orientador Prof. Dr. Gilberto Ferreira da Silva por ter aceitado o desafio de trabalhar sobre esse tema comigo, e por ter me ajudado a persistir nele nas inúmeras vezes que brotava a incerteza sobre a relevância desse tema a comunidade acadêmica.